

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº140 - MARÇO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

140



FLÁVIO DUTKA

ENSAIO DE EGO-HISTÓRIA - 1

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - UFRO
caldas@unir.br

ENSAIO DE EGO-HISTÓRIA - 1

Para recordar, neste árido 2003, os:

22 anos do primeiro poema em jornal ("Pensando em Tolstói", no Diário de Pernambuco), em 1981;
10 anos na Universidade Federal de Rondônia - UFRO, em 1993;
22 anos do primeiro artigo em jornal ("Proust e a Memória", no Diário de Pernambuco), em 1981;
15 anos de ensino universitário (Faculdade de Formação de Professores - FESV), em 1988;
22 anos do primeiro curso ("Dialética"), no CECOSNE - PE, em 1981;
19 anos da primeira campanha arqueológica (Araripina - PE), em 1984;
20 anos do Fandango (Poetas da Rua do Imperador), em 1983;
25 anos de literatura ("Idiosincrasia das Horas", com o poeta Marciel Belarmino Bezerra, em 1978);
17 anos do primeiro livro acadêmico ("Materialismo Histórico e Arqueologia"), em 1986;
20 anos de História (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), em 1983;
15 anos do primeiro prêmio literário ("Jayme Griz"), em 1988;
5 anos do Movimento Madeirista, em 1999;
15 anos da escrita de Babel (1988) e os 2 anos da sua publicação (2001);
e 10 anos de casado, em 1993.

ABERTURA

"Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos, somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos." Nietzsche

A Ego-História é um dos laboratórios do historiador: onde ele se enfrenta, se defronta consigo mesmo, com sua trajetória, sua força e suas fraquezas. Deve fazer parte do processo de constituição do fazer historiográfico, do círculo hermenêutico (necessariamente ontológico) do historiador em busca da constituição do seu "objeto", do seu campo de criação. Esse círculo parte do pressuposto que o "objeto de ciência" é constituído por alguém, e esse alguém não é neutro, não faz parte de um mecanismo de objetividade que fundaria seu conhecimento sem sua própria existência: o mundo investigado por mim passa pelo que sou e pelo que me tornei, e ao ser e me tornar crio o mundo segundo esse prisma, segundo meu ponto de vista, máscara e espelho no labirinto do ser, segundo um lugar que não é somente meu ou eu, mas que se apresenta como singularidade. Nesse processo não perco de vista aquilo que crio: não o tomo como natural: não o fetichizo.

Ao não me apagar diante do que crio faço carregar para esse universo criado todas as minhas obsessões, meus caminhos e descaminhos, as deformidades e as clarividades do meu *locus*, do meu *ethos* e do meu carma. Para enfrentar esse prisma que tende a se borrar diante de um conhecimento que deseja se apresentar como natural e universal, é que a Ego-História faz o historiador exercitar-se em si mesmo. Somente assim pode ele ver melhor o que "escreve". Não que

esse conhecimento seja “biográfico”, mas que todo conhecimento se formata de uma forma de vida social, histórica e singular. A experiência pessoal e grupal, familiar e geracional, como aquela que alimentará a dimensão necessariamente relativa da produção historiográfica. A História não é impessoal, ela parte de uma carne e suas trajetórias, de uma alma e seus percursos, para desaguar o impessoal, no anterior, no tempo. Mas essa impessoalidade não abandona seu começo, não sua origem, mas aqueles momentos que a criaram como criatura autônoma. E a História como o conhecimento que cria a história tem no historiador seu momento de abismo e clarividência, seu instante de tridimensionalidade e processo, seu encontro ou sua perda.

Esse rascunho de Ego-História tenta encontrar as ligações íntimas entre meu percurso, o que tenho lido e escrito, afirmado e negado, sonhado e pensado, o que tenho resistido e ensinado, não para se sobrepor a essa produção, mas para tornar essa criação mais consciente de si mesma, possibilitando uma forma de existência teórica mais próxima de um “ser vivo”: uma visão de mundo que possa se modificar como um sujeito, preparada para os volteios do viver, os choques e entrechoques dos devires.

Para meu mundo acadêmico este exercício é fundamental como instância necessária àquilo que venho denominando Hermenêutica do Presente; ao mesmo tempo, para um segundo momento, o da literatura, que é o fundamento dessa postura intelectual, dessa visão de mundo buscando o ser com o coração selvagem da língua. Enquanto uma pensa o existente, a outra cria uma forma de existência que possa se colar aos fluxos do viver.

Mas a Ego-História é uma perversidade: nos obriga a um mirar estranho, retorcido, frágil, ambíguo, pretensioso, quase impostor, o olhar que Borges mais temia: o dos espelhos. Olhar “oblíquo e dissimulado”, olhar que não pode completamente nem se ver nem ver, olhar que escapa porque o que ele tenta ver escapa também, e sempre como uma sombra indevida, um lugar impossível, uma palavra dupla, dúbia. Aquilo que é visto é o mesmo que vê, por isso há o aparecimento de um duplo, de um outro que jamais poderá ser o que diz ser. Ele será somente ilusão de papel, mas essa substância é a mesma daquele que iniciou o olhar: e tudo converge para o mesmo e o outro. E pela primeira vez nos separamos, eu e o texto, eu e minha imagem, essa imagem que não é minha, mas sempre dos outros e que aceito sem saber completamente a razão. Em parte devo aceitar como existente essas projeções, esses outros que os outros criaram para mim.

Normalmente não olhamos para nós mesmos, abismados com o mundo, o conhecimento, os outros, a escrita, a leitura, o desejo, as imagens, os objetos. Nós mesmos não estamos em questão e nossa trajetória é somente um pontual descuido em momentos de descanso intelectual: há coisas mais importantes até mesmo quando o orgulho e a prepotência se desenrolam como defesa, sempre como defesa. Mas eis o ensaio e tenho que olhar para mim e meu percurso, admirar o passado como quem não esqueceu; reencontrar imagens, signos, papéis, artigos, projetos, livros, opiniões, amizades; idéias que se realizaram e as que não se realizaram; o que fui, o que planejei e o que não consegui ser e realizar; o que desempenhei sem planejar; o que planejei sem atingir; o que me tornei por haver trilhado certos caminhos e não outros; o que me tornaria se outras vias se houvessem apresentado ou antecedido seu aparecimento; biografar minhas preocupações mais do que a própria vida em si, pois ela só tem sentido, para mim, investida nessa busca. Dizer a vida quando ela se mistura com a reflexão, a escrita, a publicação, a palestra, a sala de aula, a luta com as idéias. E encontro-me com o outro que não fui e o outro no qual me tornei, e somos um só apesar da

tentação em não ser. Torno-me papel, olho, plano e algo que escapa de mim por ter se tornado objeto: uma obra e um percurso. Mas desse caminho posso apenas dizer positivamente o que fui e o que me tornei. O que poderia ter sido foi devorado; as negatividades radicais, os enganos, os erros foram engolidos não somente pela dissolução da memória mas por uma retomada constante que foi recompondo as ruínas como se elas não houvessem existido.

No entanto, essa estranha mirada exigida pela Ego-História tem muito a ver com minhas principais escolhas (a literatura/a História). A literatura exige um enfrentar em muitas frentes, em muitas brechas, em muitos socavões, em muitas imagens, palavras, sonhos, desejos e obsessões essa coisa que se diz eu: somente assim posso dizer o mundo, dizer os infinitos devires da linguagem e dos outros – desapareço para o mundo aparecer, reapareço como revestido dos outros, e não somos mais nem eu nem a realidade, mas uma escritura que faz ver; a História clama o não esquecimento da minha voz, da posição que ordenará com seu desejo a matéria viva do passado: devo me saber para compreender a força de interferência da minha presença na escrita da História: acompanhar-me faz parte do ver e do fazer ver. Mais uma obrigação do historiador: não se perder de vista, principalmente pela facilidade em realizar este esquecimento. É uma questão de método, de princípio, de credibilidade: fazemos nossa *matéria* de uma síntese muito bem feita entre mim e o que não sou, entre o muito próximo e muito distante, entre eu e o outro, entre o agora, o antes e todas as tensões do depois.

Como separar esse ser de papel que se volta como *personae* e assume a voz principal na máscara (na mais cara máscara!)? Como não se seduzir com a criatura, como se ela fosse de carne viva e não modelo, estilo, visada, dobra-dura e escritura? Quando produzimos “objetos” não é tão difícil. Mas ao termos a ilusão de restaurar, refazer, reviver alguma realidade (atuarmos na imensa dimensão virtual do passado), tropeçamos na deformação que é não saber mais que “aquilo que aconteceu” acon-tece somente por mim, na máquina que pus em funcionamento. Isso ainda bem antes da questão entre a verdade e a falsidade, o valor e a eficácia. Diz respeito ao ser tanto do real quanto da maneira de conhecê-lo. E nesse encontro desencontrado estou sempre eu, está sempre um eu. Enfrentar-se faz parte da consciência necessária à compreensão e à própria criação do mundo. Enfrentar minha criação e minha autocriação e ter diante dos olhos a criação e manutenção do universo na medida exata do seu ser.

Agora chegou a minha vez, a vez dessa máscara que se foi construindo ao falar do mundo, falar com o mundo, falar contra o mundo.

ORIGENS

O “começo” está próximo, em torno, faz parte das escolhas, da consciência, dos desejos, das possibilidades e visibilidades: é uma armadilha conhecida. A “origem” não nos cabe, nos antecede, nos determina, nos condiciona, nos embala, justifica e engana: a nós somente sofrê-la ou combatê-la quando e onde seja possível. Aparece com nosso nome, nosso rosto, nossos gestos, nossa palavra, nossas ações e desejos, mas são vestígios, fantasmas, sobrevivências, propagações, intumescências, tumores, fósseis. Torna consciência o que é esquecimento, corpo o que é repetição, gramática o que é genético.

Minha família se divide em cinco segmentos. A primeira, os Lins; a segunda os Caldas, a terceira os Lins Caldas, a quarta os Guimarães Peixoto e a quinta os Gonçalves. Os Lins da Alemanha, os Caldas e os Guimarães Peixoto de Portugal, os Lins Caldas de Pernambuco e os Gonçalves do grande sertão.

Os Lins, família que desce até 1300 com o primeiro que deixou rastro, Heins Lins, passando por Albercht Lins, Johann Lins, Conrad Lins von Dorndorf, Zimprecht Lins e Sebald Lins/1508-1597, que foi pai de Cristóvão Lins (1529-1602), o que chegou a Pernambuco na década de setenta do século XVI para ganhar a vida no Novo Mundo. Era uma família de comerciantes, aventureiros e pequeno-burgueses. No Brasil conquistaram terras, roubaram terras, pilharam terras, mataram homens, moldaram homens, humilharam famílias, torceram heranças: e se tornaram senhores de muitos engenhos a partir da segunda metade do século XVI. Sempre foram terra a terra, metidos a aristocratas, finos e ricos. Nulidades que se articularam com todas as grandes famílias pernambucanas e ainda hoje são bem postos, arrotando descendências e poderes perdidos. Jamais os considerei como família, tendo de suas existências somente uma fria indiferença.

Os Caldas eram comerciantes e funcionários, chegaram no século XVIII por razões que somente eles sabem, mas nada grandioso ou aventureiro. No fim deste século houve uma união destas famílias, nascendo o Lins Caldas como sobrenome conjunto, deixando de ser tanto Lins quanto Caldas, que seguiram seus caminhos independentes. O que me interessa é que logo depois dessa união nasceram dois senhores de engenho (os "Dois Irmãos", das terras onde hoje fica o zoológico do Recife: muito bem localizado: lugar de bicho): Thomas e António Lins Caldas, filhos do primeiro Lins Caldas: Luiz José Lins de Caldas, senhor de terras, títulos e escravos. Esta família continuou com suas terras e escravos, enquanto Thomas Lins Caldas engravidou uma escrava chamada Balbina, conhecida familiarmente por Babá, seguindo seu obscuro caminho familiar com a esposa real. Dessa união gilbertofreyriana nasceu Francisco Lins Caldas (1825-1907), criando um ramo dos Lins Caldas que não teve direito as terras, aos escravos nem tampouco a paz de espírito de quem nasce bem. Foi advogado, estudou na Faculdade de Direito, e iniciou a família que reconheço como minha: ele é o fundador, inclusive do orgulho e da prepotência que nos acompanha e arruína, mas ao mesmo tempo da inteligência e da sensibilidade que justifica esses pecados até mesmo na primeira cornija do baixo purgatório.

Este Francisco é meu trisavô. Ele não nos transmitiu tão somente a vida e os humores dos Lins Caldas, mas da escrava Balbina e da sua própria posição e sentimentos de quem vive "fora da sociedade" mesmo dentro, mesmo enganando, mentindo e se escondendo: era "acinzentado", quase branco, um metro e noventa; cachaceiro, atrabiliário, desbocado e que negava a mãe; tinha um cartório em Olinda; mas no fundo considerava-se um nada e nunca aceitou isso. Tornou-se o máximo que sua condição permitia: advogado. Um paria integrado. Um bastardo que recebeu um nome, uma profissão, mas não recebeu um passado e teve que trabalhar pelo que teve. Pelo que desejou. Ele criou, querendo ou não, o passado familiar que se cola à minha carne, sonhos e desejos: ele é a origem. Quando muito velho, já dentro do século XX, matou-se por não suportar mais um soluço renitente: matamos e morremos por soluços ou suspiros: somente ninharias nos fazem perder a cabeça. Seu desdém ao povo, aos outros que não os familiares muito próximos, o horror ao mundo possuía fundamento na fuga, no não enfrentamento, na não consciência ou até mesmo na consciência aguda demais de sua posição social, financeira, racial. O que nele foi verdadeiro em nós é somente um espectro sem suporte.

Meu bisavô foi um dentre seus muitos filhos com Rosa: Herculano Lins Caldas (1871-1940), advogado e promotor, que se casou com Elisa dos Guimarães Peixoto (1869-1909), onde se articula o antiderradeiro segmento familiar. Esses Guimarães Peixoto eram metidos a bestalhões, aristocratas branquinhos e bem postos (a presença de Francisco no desejo de reverter de Herculano), vindos de um Portugal caduco e de um Império colonial ridículo. Elisa, que fugiu com meu bisavô pelas ladeiras de Olinda, era filha de Pedro D'Alcântara dos Guimarães Peixoto (1829-1883) e de Ninpha de Moraes dos Guimarães Peixoto (1836-1907). Pedro era filho de Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto (1781-1840), que deixara para a família a honra de haver sido o médico da Imperatriz e um brasão (*Quas cumque Findit*, sob quatro leões patéticos segurando espada e maça, cheio de borlas, coroas e gestos) dado pelo Imperador Pedro I. Esse vazio orgulho familiar deixaria marcas profundas de horror em meu avô Osíris dos Guimarães Peixoto Lins Caldas (1898-1978), filho de Herculano e Elisa, que riscou os Guimarães Peixoto do nome e da vida, jamais os aceitando, sendo somente Osíris Caldas a vida inteira.

Desses Guimarães Peixoto inúteis brotou, pelo menos, dois momentos estranhos e antagonísticos. Um deles, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (o insuportável Olavo Bilac, o "Olívio Biloca" das portas de banheiro) e Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (a Cora Coralina), prima do meu avô. O primeiro um aleijão poético, uma vaca de presépio, e a segunda uma impossibilidade velha, familiar e rural: um milagre além do inexistente marido: um caso provinciano de literatice.

O último segmento familiar é o da minha mãe: os Gonçalves. Eram comerciantes e fazendeiros, se perdendo dentro do processo de colonização indo e vindo do sertão. Meu avô, João Batista Gonçalves (1907-1945), era farmacêutico e minha avó Severina Cadete (1909-1962), com sua morte, continuou com a farmácia para tentar sustentar a imensa ninhada. Ele era senhor de muitas terras e casas antes de ser assassinado pelas ninharias que perturbam os Lins Caldas vindos de Francisco, mas que não eram importantes aos Gonçalves: morreu inocente (se tenho alguma bondade e inocência devo a este avô a este ramo familiar), o que não acontece com os desequilibrados descendentes do filho da escrava: não aceitamos a ingenuidade, a inocência, o trabalho honrado, as horas perdidas com ninharias, as festas, as conversas vazias, a inutilidade, a burrice gratuita: podemos morrer por qualquer razão, menos por inocência e bondade.

Tudo isso (achaques, raivas, depressões, sentimentos, iluminações) chegou até a mim vindo diretamente dos meus avós, dos meus pais, tios e tias. Faz parte do que não me pertence, do que não domino, do que não vejo razão mas sigo pensando que sou eu. E não deixa de ser. Somos uma soma de fantasmas, de corpos que não vemos, de programas escritos por outras mãos, outras vidas, escrituras que nos compõem como uma grande partitura viva e muito mais complexa que a nossa vã Ciência.

COMEÇO

Nasci numa casa recheada de livros: esse é o meu universo desde o começo. E uma casa onde se reuniam os amigos do meu pai para conversarem sobre o mundo, a cultura, a política, o teatro, as religiões, as crenças, a música, a poesia, a Geografia, a História (cada uma destas palavras conduz a várias histórias), em grandes batalhas, às vezes pública, onde se reuniam interessados de todas as áreas, cada um armado com imensos livros, infindáveis bibliotecas e razões. Dali pelo

menos um nome se estabeleceu na literatura: Ângelo Monteiro, um dos melhores poetas da sua geração. Foi professor do Departamento de Filosofia (UFPE) e fez a articulação entre o Movimento Armorial e alguns de nós.

Meu avô (Osiris Caldas) recitava de cor, caminhando no colorido de muitas tardes, seu querido Molière, ou poemas em espanhol. Era Coletor Público mas tinha um teatro onde reunia um grupo criativo e conversador. Havia começado a escrever nos jornais do Recife em 1914, finalizando em 1970, quando a imprensa deixou de ser familiar ao seu mundo (compôs, numa imensa e negra máquina de escrever, dois artigos por dia durante cinquenta anos para o “Jornal do Comércio” e para o “Diário de Pernambuco”); publicou livros, escreveu e representou muitas peças de teatro, mas gostava mesmo era de dirigir Shakespeare, e se deleitava recitando para mim passagens inteiras de uma peça da sua paixão (Otelo e, às vezes, Romeu e Julieta), trechos de Sófocles quando estava triste ou, para rirmos, histórias fantásticas. Mas seus livros, artigos, peças, ensaios, sua visão de mundo não eram, e talvez não devessem ser, cosmopolitas. Estava preso a um universo nordestino, década de vinte e trinta, provinciano, mesmo tendo me aberto os olhos para uma sensibilidade que somente ele foi capaz de me transmitir, uma poeticidade que só muitos anos depois pude reerguer do seu solo de esquecimento. A ele devo a paixão pelo teatro, por certas músicas e poemas, por uma inflexão schopenhaueriana, por uma vida dedicada somente ao que nos arrebate, e ao nosso Shakespeare.

Meu tio paterno (Carlos Alberto Bruno Lins Caldas) era pintor e desenhista. Foi através dele que conheci as artes plásticas, e fui seduzido pelas cores, pelas transparências falsas, pelo movimento imóvel, pelo cheiro das tintas, da terebintina, a moleza ou dureza dos incontáveis pinceis, a paixão pelos murais, pelo cubismo, por Picasso e Dali, e por uma atuação incisiva na política num tempo muito perigoso. Junto com meu pai formaram a idéia que carrego ainda sobre o que é e como deve agir um intelectual, como deve ser um intelectual.

Meu pai (Alberto Frederico Lins) foi professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (lugar que me estaria reservado se não fosse pela dura luta contra todos, esta doce maldição). Minha vida foi acompanhar suas amizades, leituras, pesquisas, escritas, publicações e polêmicas (foram muitas, mas as principais com Osman Lins, Agnaldo Silva, Mário Melo e Aglae Lima foram memoráveis). Ele escrevia no Diário de Pernambuco, ganhava prêmios, vivia no Arquivo Público passando horas em intermináveis pesquisas, ensinava e isso definiu meu horizonte futuro: mas numa reflexão “depois da festa”. Passei muitos anos fugindo dessa direção. Até que, em 1983, comecei a estudar mais seriamente História. Mas antes alguém me foi de fundamental importância intelectual.

Enquanto meu pai me apresentava a muitos dos seus amigos (Gilberto Freyre, Ariano Suassuna, Flávio Guerra, Nilo Pereira, Pinto Ferreira, Mauro Mota, Marcus Prado), entregando-me certa literatura brasileira (José de Alencar, Machado, Lima Barreto, Humberto de Campos) e portuguesa (Camilo [sua absoluta paixão], Herculano, Eça, Júlio Dinis, Guerra Junqueiro), a História (Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, Braudel, José António Gonçalves de Melo), a Geografia dos mapas, as “geomorfologias” euclidianas n’Os Sertões (paixão paterna que somente nos últimos anos tenho reconquistado), a História Regional e o Romance Histórico (Walter Scott, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Michel Zevaco), - Gláucio Veiga, catedrático da Faculdade de Direito do Recife, amigo do meu pai,

marxista e escrevendo sua monumental "História das Idéias da Faculdade de Direito do Recife" (13 volumes), me apresentou, em muitas conversas, leituras e anos, Hegel, Marx, Weber, Heidegger, Ortega y Gasset, Braudel, Balzac e Proust.

O contato entre essas visões de mundo díspares (Camilo/Proust – Marx/Freyre, Braudel/Melo), em plena ditadura, possibilitou uma visão de mundo polifônica, aberta, móvel, contraditória e sem exigir conciliação: todas as visões cabiam no mundo e seu rotacionar, no mundo e suas ficções, no mundo e suas escrituras. Nas bifurcações proustianas mundos inteiros apareciam e desapareciam, feitos de tempo e memória, de palimpsesto e desejo. A História, o pensamento, a literatura, não poderiam fundar seu reino numa única perspectiva, numa única verdade. História, Antropologia, Arqueologia, Sociologia, Filosofia e literatura se entrelaçavam num único processo vivencial, visceral. A separação seria uma violência. Na "minha" Dialética não cabiam mediações, o que causou sempre combates infundáveis entre amigos e companheiros. Dos dois (Gláucio e meu pai) fiquei com o que havia de melhor. A crítica marxista de um e do outro o gosto pelo estilo, pela abrangência dos interesses, tornando "o social" e "o histórico" algo mais rico que o tradicional; e a tara pelos livros, a sedução pela escrita.

Enquanto minhas leituras infantis (década de sessenta) eram essencialmente aventurescas, pura imaginação (os volumes de Tarzan, de Edgard Rice Burroughs, o Sherlock Holmes de Conan Doyle, as delícias de Júlio Verne, as destrezas de Maurice Leblanc com seu Arséne Lupin, o universo insuperável de Michel Zevaco com seus Pardaillans, os "contos maravilhosos" de muitas literaturas) - uma experiência arriscada a travessia de cada livro, as do começo da adolescência (1969/1970/71/72) eram essencialmente literárias, formativas e inescapáveis (Sófocles, Dante, Boccaccio, Montaigne, Shakespeare, Cervantes, Goethe, Melville, Dickens, Stevenson, Wilde, Poe, Graciliano, Drummond); na adolescência (o resto da década de setenta) as leituras (sempre obsessivas na quantidade, na qualidade e no labirinto de gostos, coisa que marca profundamente a cartografia intelectual da minha biblioteca) começaram a se dividir entre a História, que meu pai me apresentava (uma História sempre "acontecida de verdade", jamais teórica, como "O Domínio Holandês em Pernambuco" de Watjens e "Memória de um Senhor de Engenho" de Julio Bello, ou temas obsessores como as Famílias, os Engenhos de Açúcar, a Segunda Guerra Mundial, Hitler, o Vietnam, a Coluna Prestes), e novos mundos que foram surgindo muito fortes como a Antropologia, a Arqueologia, a Psicanálise, Marx e os marxismos, Darwin e a Biologia Evolutiva, Hegel e a Filosofia, a História e a Filosofia Marxista, Sartre e todos os existencialismos, tudo dentro de uma clivagem inesperada (Sade, Dostoiévski, Nietzsche, Rilke, Joyce, Svevo, Camus, Pirandello, Genet, Ionesco, Beckett, Arrabal) que foi me afastando, no fim da adolescência (1977), daquela formação literária inicial, descomprometida a não ser com o prazer e a descoberta de mais prazer, como se não fizessem parte de um mesmo movimento, exigindo de mim, muitos anos depois, um esforço de síntese que ainda não concluí completamente.

Sobre essa "cultura em formação" pairava um "grande espírito": Gilberto Freyre. Gláucio Veiga o odiava com amor, havendo polemizado com ele algumas vezes, terminando por se reconciliar muitos anos depois; meu pai o amava e admirava, tendo me levado para conhecê-lo em Apipulcos, onde conversamos, ele velho e com aquela perna sobre o braço da cadeira, sobre muita coisa enquanto meu pai recordava momentos comuns. Gilberto não somente foi um dos primeiros a discutir assuntos como a história da comida, do corpo, da infância, da sexualidade, das habitações, mas isso com dignidade de "grande tema", sempre numa

articulação viva, vibrante, convincente, profundamente literária e complexa com uma força de quem queria criar um povo. Ele fazia parte daquela mono-cultura recifense, feita com o isolado das ilhas mas convivendo com o *link* das pontes e do porto, o aberto e o fechado, o mar, o mangue, a terra. Mas essa simbiose, essa rede viva de caranguejos, navios e histórias, era aristocrática - mesmo quando falava do povo, com o povo (Tobias, Freyre, Ariano, Cabral, Brennand). Essa aristocracia é o que expulsa e maltrata ("Recife, cidade cruel") todos aqueles que diferem, todos aqueles que abolem a terra em nome do mar, ou aceitam o mangue contra a terra e o mar.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Equilibradas na balança
estas mãos têm peso igual
e são dotadas dos mesmos carpos
e metacarpos e unhas
e pêlos e acenos de nunca mais
Mas uma, que guarda egoísta cicatriz
não disfarça seu orgulho
e se debate no ar
para dizer que ali está
sobrevivente depois de tudo
testemunha táctil do que sobreveio
ao tempo do corpo
e de que apesar da quase
mesma forma e peso
tem mais alma e história
que sua irmã
calada e cinza
na balança ao lado.*

CARLOS MOREIRA